



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8671665>

**DOI: <https://doi.org/10.20396/ideias.v13i00.8671665>**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2022 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

**Dados, algoritmos e plataformas: entrevista com  
Pablo Manolo Rodríguez**

**Datos, algoritmos y plataformas: entrevista a  
Pablo Manolo Rodríguez**

*Pedro P. Ferreira*<sup>1</sup>

*Evandro Smarieri*<sup>2</sup>

*Fabiano Galletti Faleiros*<sup>3</sup>

*Laura Francis*<sup>4</sup>

*Stefano Schiavetto*<sup>5</sup>

Parece-nos impensável falar sobre Gilbert Simondon e América Latina sem citar o nome de Pablo Esteban Rodríguez. Além de destacado intelectual, autor, coordenador e tradutor<sup>6</sup> de

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Sociologia do IFCH/Unicamp e coordenador do Laboratório de Sociologia dos Processos de Associação (LaSPA).

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8699-4813>. E-mail: [esmasoares@gmail.com](mailto:esmasoares@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3553-0808>. E-mail: [fabianogalletti@gmail.com](mailto:fabianogalletti@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9847-9069>. E-mail: [laurafrancis@ufrj.br](mailto:laurafrancis@ufrj.br).

<sup>5</sup> Doutorando e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4701-1853>. E-mail: [stefanoschiavetto@outlook.com](mailto:stefanoschiavetto@outlook.com).

<sup>6</sup> Nesse mesmo sentido, vale destacar também o prólogo que Manolo escreveu, com Juan Manuel Heredia, para Simondon: una filosofía de lo transindividual, de Muriel Combes (2017, Editorial Cactus; Trad.: Pablo Ires), e o prólogo à primeira edição de La individuación a la luz de las nociones de forma y de

uma série de livros e docente das prestigiadas Universidades de Buenos Aires (UBA), Rodríguez é um dos maiores reticuladores – senão, o maior – do pensamento simondoniano em nossa região: articulando extensas redes de pesquisadores interessados em descobrir as potencialidades contidas na obra do filósofo francês e reinventando, a partir do Sul do mundo, maneiras de se pensar o conjunto de transformações técnicas que observamos cotidianamente. Tamanho reconhecimento é fruto de um trabalho quixotesco, iniciado ainda em meados dos anos 2000, quando Rodríguez, junto a Margarita Martínez, traduziu para o castelhano o livro *Du Mode d'Existence des Objets Techniques* (doravante, MEOT) – suplemento publicado separadamente da tese doutoral apresentada por Simondon em 1958. Tal esforço foi pioneiro e fundamental para a acessibilidade da obra ao público latino-americano, sendo a introdução de Manolo – como Pablo Rodríguez é chamado pelos colegas – um marco de passagem obrigatório para aqueles e aquelas que se deparam com o monumental trabalho de Simondon. Em 2012, foi um dos convidados do Encontro Internacional *Informação, tecnicidade e individuação: a urgência do pensamento de Gilbert Simondon*, realizado na Universidade Estadual de Campinas. A partir desse primeiro contato, Rodríguez tem intensificado relações de trabalho e amizade com autores brasileiros e de outros países, com desdobramentos que envolvem os subsequentes Colóquios Internacionais Gilbert Simondon organizados pelo Cone Sul afora<sup>7</sup>, até mais recentemente a formação da Red Latinoamerica de Estudos Simondonianos (RELES).

Nessa entrevista, realizada de modo assíncrono, buscamos não apenas abordar discussões conceituais, mas também explorar como Pablo Manolo Rodríguez reflete sobre os desafios sociotecnopolíticos de um mundo governado pelo que o autor chama “um sistema dados-algoritmos-plataformas”. Mesmo afirmando a ausência de uma teoria política no sistema filosófico elaborado por Simondon, Rodríguez nos brindou com um potente

---

información, de Simondon (2009, Editorial Cactus; Trad.: Pablo Ires).

<sup>7</sup> Ver: <https://reles.gilbertsimondon.org/eventos/>.

texto, crítico e afinado com os dilemas contemporâneos, repleto de sugestões, de como “pensar questões políticas a partir de Simondon”.

**1 - A obra de Simondon vem ganhando interesse crescente, no mundo todo, desde o início deste século, com a publicação completa do *L'Individuation à la lumière des notions de forme e d'information* (doravante, ILFI) e, no Brasil, isso parece ter culminado em 2021 com a publicação da tradução dessa obra e do MEOT. Como você interpreta esse interesse crescente? A que você atribui ele? Você vê este movimento também na Argentina e em outros países da América do Sul?**

El movimiento se verifica también en Chile, en Paraguay, en Colombia, hasta donde yo sé. En Uruguay también hay un interés incipiente. Se trata de un interés múltiple. Por un lado, Simondon ofrece un sistema filosófico cuando nos habíamos desacostumbrado a ello. Puede ser fascinante querer entrar en una mente tan compleja. Quizás le falta a la filosofía contemporánea una vocación sistemática y Simondon, en ese sentido, es como un rescate de alguien “viejo” (en todo caso, de la generación de Deleuze, Foucault y Guattari) para responder a esa “demanda”. Por el otro, Simondon inaugura una visión de la tecnología mucho más cercana al mundo en el que vivimos que las actitudes académicas e intelectuales predominantes hasta hace un tiempo. De hecho, creo que la obra de Simondon dialoga muy bien con el campo de los estudios sociales de la ciencia y la tecnología. En tercer lugar, se trata de una obra con muchas ramificaciones. En realidad no hay que hablar de obra escrita, porque estas ramificaciones hacia la estética, la teoría de la percepción, la concepción de la invención, fueron plasmadas en cursos y seminarios. Pareciera que Simondon habló de muchos temas diferentes, con una notoria ausencia de un pensamiento político, hay que decirlo, y eso aumenta el misterio por su interés. Ahora bien, a todo ello hay que sumar la pregunta por el interés aquí, en América Latina. Quizás sea un fenómeno mundial, más que regional, pero no deja de llamar la atención que

aquí también se verifique. Recuerdo que cuando buscábamos una foto [de Simondon] para la edición de 2007 del MEOT en castellano, no encontrábamos ninguna, y ahora una búsqueda en internet de la palabra “Simondon” arroja un gran número de resultados.

**2 - No colóquio de 2012 em Campinas, em sua intervenção (“Comunicación e información: la refundación de la tecnología, las ciencias naturales y las ciencias sociales en Gilbert Simondon”), que está sendo publicada pela primeira vez neste dossiê, você faz uma série de referências a Michel Foucault. Recentemente, você também publicou um livro intitulado *Las palabras en las cosas*,<sup>8</sup> cujo título parece, inclusive, fazer referência ao autor francês. Em sua visão, é possível identificar aproximações entre o pensamento de Simondon e de Foucault? E Gilles Deleuze, como você vê a relação entre o seu pensamento e o de Simondon?**

Creo que Foucault y Simondon se pueden encontrar a través de Deleuze y el mejor ejemplo es su texto sobre las sociedades de control,<sup>9</sup> donde se combina el problema foucaultiano de las sociedades disciplinarias con la problemática simondoniana de la metaestabilidad y la modulación. La enorme virtud de Deleuze es combinar la maestría filosófica y tecnológica de Simondon con la agudeza política de Foucault. Ahora bien, si no fuera por Deleuze, esta vinculación sería difícil de hacer. Yo he tratado de seguir esa veta en *Las palabras en las cosas*, más apoyado en Foucault que en Simondon, pero allí por la sencilla razón de que el editor del libro así me lo pidió, y con justa razón. Si pretendía nada más ni nada menos que reinterpretar parte de la obra de Foucault a la luz de algunos fenómenos contemporáneos, mal podía incluir además a Simondon. Sin embargo, creo que el tema de la información

---

<sup>8</sup> RODRÍGUEZ, Pablo Manolo. 2019. *Las palabras en las cosas: saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas*. Buenos Aires: Editorial Cactus.

<sup>9</sup> DELEUZE, Gilles. 1990. *Post-scriptum sur les sociétés de contrôle*. *L'Autre Journal* 1 (Maio). Reproduzido em: *Pourparlers 1972-1990*. Paris: Éditions de Minuit, pp.240-7.

puede cruzar perfectamente a ambos autores y eso lo que, creo, vio Deleuze: combinar las miradas para dar un panorama lo más completo posible de lo que yo llamo el sistema datos-algoritmos-plataformas que gobierna el mundo, sobre todo desde la pandemia del Covid-19. Para decirlo claramente, Simondon permite complejizar la relación entre información, datos y algoritmos, y Foucault permite hacer la lectura política, por ejemplo, en torno a la gubernamentalidad. Precisamente el conocido texto de Rouvroy y Berns sobre la gubernamentalidad algorítmica<sup>10</sup> hace el nexo explícito entre este concepto y lo transindividual en Simondon. Y en este nexo aparece claramente el vínculo entre política y tecnología para el caso del sistema datos-algoritmos-plataformas.

**3 - Em seu texto de 2012, você afirma que as analogias feitas por Simondon entre o mundo natural, social e técnico são substancialmente diferentes das homologias feitas por cientistas do século XIX. Mas seriam essas aproximações exclusivas aos funcionalistas e mecanicistas do passado? A própria cibernética de Norbert Wiener, que tanto inspirou Simondon, traçava paralelos questionáveis entre organismos e máquinas. Gostaria de saber como, ao seu ver, Simondon escapa dessa armadilha reducionista.**

La pregunta contiene dos analogías posibles. La primera es entre la ciencia del siglo XIX y la cibernética, con Simondon frente a ellas, y la segunda es entre la cibernética y el pensamiento de Simondon, con la ciencia del siglo XIX frente a ellas. Me parece que la segunda es la más apropiada. Primero, porque pienso que efectivamente la cibernética significó un quiebre respecto de las ciencias del siglo XIX: gira alrededor de un concepto, como el de información, que no está presente en el siglo XIX; amplía las analogías entre organismos y máquinas mucho más allá

---

<sup>10</sup> ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. 2013. Gouvernementalité algorithmique et perspectives d'émancipation: le disparate comme condition d'individuation par la relation? *Réseaux* 177:164-96.

del mecanicismo anterior; inventa nuevas disciplinas, como la informática y la inteligencia artificial, que no existían antes; y, por último, en una lista incompleta de cambios, pone a punto un sistema tecnológico general, como el digital, que transforma todos los sistemas tecnológicos existentes hasta el momento. Pero, segundo, es el propio Simondon quien sitúa su pensamiento bajo el ala de la cibernética. Simondon, de hecho, es un cibernético. Considera, eso sí, que la noción demasiado reduccionista de información y el interés excesivo de la cibernética por “copiar” en artificios propiedades supuestamente humanas generó, justamente, esos “paralelos cuestionables” de los que habla la pregunta: por ejemplo, la conciencia como reproducible artificialmente, como propone la IA [Inteligencia Artificial] actual. Pero Simondon también piensa que la cibernética significa una ruptura con la ciencia anterior y que se abrió a un pensamiento de las operaciones en lugar de las estructuras (su propuesta de la allagmática, la ciencia de las operaciones), pero que finalmente terminó en un reduccionismo casi mecanicista. Es interesante a este respecto estudiar algo que Simondon no hizo tan en profundidad, como el problema de la mecanización del pensamiento y de la lógica y la matemática, con la figura de Alan Turing como protagonista principal.

**4 - Nessa mesma exposição, feita em 2012, você explana sobre a amplificação transdutiva. Dentre os exemplos, você cita a alienação, mas não se detém muito. Ainda nesse momento da sua exposição, você nos mostra uma fortíssima relação entre a transdução em Simondon e a pedagogia e psicagogia em Foucault. Como você enxerga uma relação entre transdução, alienação e educação?**

Eso fue hace 10 años y ya ni me acuerdo qué decía, así que me voy a autocitar: “Las operaciones de información son equiparables a procesos de amplificación. Simondon distingue tres tipos de amplificación: la transducción, la modulación y la organización. La amplificación transductiva supone una incidencia de información que provoca en la estructura receptora un paso

de un estado metaestable a un estado estable. A diferencia de la transmisión, en la transducción es necesario que el campo receptor se transforme en su totalidad para que se produzca el paso de la actividad informadora. En este sentido, se puede ver claramente una relación directa con aquello que, en el final de su vida, Michel Foucault identificaba como la búsqueda ética relacionada con la educación en la Antigüedad grecorromana. Decía Foucault en su curso *La hermenéutica del sujeto* que entre el tiempo de los estoicos y el de la educación moderna, basada en el paradigma cartesiano de conocimiento, se produce una distinción entre la pedagogía y la psicagogía. La pedagogía consiste en mantener al alumno o discípulo en una situación de infancia relativa y al maestro en una situación de transmisión de conocimiento que no implica ningún compromiso espiritual. La psicagogía, en cambio, expresa la necesidad de que ambos, maestro y discípulo, deban transformarse espiritualmente en el proceso de enseñanza y aprendizaje para acceder a la verdad de lo comunicado.”

La pedagogía moderna corresponde a la transmisión y la psicagogía de la que habla Foucault a la transducción. Son dos formas de pensar la educación. Y dos formas de pensar la alienación. Se trata, del lado de la pedagogía-transmisión, de imaginar un sujeto sin luz, a-lumno, alienado en tanto no conoce su condición, pasible de ser sometido a un proceso de ilustración, en los términos de Kant. La Ilustración se dice, no casualmente, “*Lumières*”, “*Luces*”, en francés. Hay un sujeto alienado que recupera su condición gracias al proceso de ser ilustrado (el propio Kant emplea la imagen de la oscuridad para hablar de la época anterior a la Ilustración), pero en realidad, como dice Foucault en *Vigilar y castigar*,<sup>11</sup> aprendemos a ser libres callándonos y quedándonos quietos. En cambio, la psicagogía, al entender la transformación mutua y simultánea de quien enseña y quien aprende, ofrece la imagen de una alienación acordada, compartida, que parte no de una asimetría sino de un salirse de sí mutuo. Es

---

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. 1975. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard.

importante tener en cuenta estas imágenes a la hora de pensar la educación hoy. La “transmisión de contenidos” ya está realizada o en vías de realización a través de las plataformas digitales. Tenemos tutoriales de absolutamente todo. Por lo tanto, la educación debe pensar la posibilidad de transducir, transformarse mutuamente entre quienes enseñan y quienes aprenden, sin renunciar a la idea de saber, pero sin que quien sabe confíe en lo que sabe, para ponerse en juego en el acto de enseñar. Tenemos que poder decir y hacer algo diferente de transmitir.

**5 - Talvez uma das partes mais importantes e difíceis do pensamento de Simondon seja seu conceito de “pré-individual”, que no MEOT parece se relacionar com as ideias de “unidade mágica primitiva” e “reticulação”, e no ILFI se relaciona de maneira complexa com o “transindividual”. Eu gostaria de saber o que você pensa sobre esses conceitos simondonianos, sobre o papel deles na obra de Simondon e também no uso que é feito desses conceitos de Simondon por outros autores.**

Es una pregunta muy vasta que llevaría la escritura de un libro; de hecho, voy a dedicar una parte de mi próximo al tema de lo “transindividual informacional”. No sé, en principio, si hay una relación tan clara entre lo preindividual en ILFI (que es un concepto tramado en parte desde la fenomenología y se encuentra dentro de la tríada con lo individual y lo transindividual), y la unidad mágica primitiva en el MEOT (que se refiere a la antropogénesis). Sí está claro que hay una relación entre afectividad, tecnicidad y lo transindividual, que en ILFI se desarrolla por la teoría de la percepción-acción y la afectoemotividad, y que en MEOT se despliega, creo, en torno a la distinción entre elementos, individuos y conjuntos técnicos. Creo que la relación entre reticulación y transindividual es fundamental, con el problema de los conjuntos técnicos como centro. El problema es que Simondon mismo no planteó explícitamente estos vínculos. El texto que funciona como nexo entre ILFI y MEOT, la “Nota complementaria

sobre las consecuencias de la noción de individuación”,<sup>12</sup> no resulta suficiente. Dicho esto, creo que tanto reticulación como transindividual son categorías fundamentales para pensar la actualidad del sistema armado entre datos, algoritmos y plataformas y, en general, la digitalización del mundo y de la vida social. Ha habido muchas polémicas en torno al peso de lo político y de lo técnico en lo transindividual, y sus consecuencias incluso filosóficas, que no podría resumir ahora, pero que tienen que ver, creo, con la propia teoría de la información de Simondon. Está claro que transindividual sirve para poner en crisis nuestras nociones de individuo moderno, que están en juego ya en las redes sociales y en un sinnúmero de prácticas contemporáneas. Para mí se relaciona con la noción de individual en Deleuze, que se encuentra formulada, entre otras cosas, en la “Posdata sobre las sociedades de control”. Y ahí volvemos sobre la segunda pregunta acerca de Simondon, Foucault y Deleuze.

**6 - A obra de Simondon é reconhecida por ter antecipado questões que hoje são contemporâneas. Na conferência dele no Colóquio de Royaumont de 1962,<sup>13</sup> o processo de modulação é apresentado de modo a compreender as normas da moral como o estabelecimento de limites para as possibilidades de ações, ou ainda, como uma incidência do passado sobre o futuro. Hoje, os efeitos do Big Data e da inteligência artificial estão presentes no nosso cotidiano, por exemplo, através dos algoritmos que condicionam a exibição de conteúdos nas redes sociais ou que embasam as “tomadas de decisão” empresariais. A seu ver, as relações de informação que são estabelecidas a partir das análises**

---

<sup>12</sup> SIMONDON, Gilbert. 2007. Note complémentaire sur les conséquences de la notion d’individuation. In: *L’individuation psychique et collective à la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Métastabilité*. Paris: Aubier, pp.247-90. [1989]

<sup>13</sup> SIMONDON, Gilbert. 2010. L’amplification dans les processus d’information. In: *Communication et information: cours et conférences*. Chatou: Les Éditions de la Transparence, pp.157-76. [1962]

**de dados podem ser pensadas através das noções de modulação e organização? E ainda, qual seria o estatuto dos dados em uma filosofia das técnicas de inspiração simondoniana?**

La respuesta a esta pregunta recorre el arco que va de las sociedades de control de Deleuze a la gubernamentalidad algorítmica de Rouvroy-Berns. Y en este movimiento, hay que decirlo, quizás nos alejemos de Simondon. Como dijimos, Simondon no es un pensador de la política. Existen modos muy sugerentes de pensar cuestiones políticas a partir de Simondon, sobre todo en relación con lo transindividual, pero no es algo que se pueda derivar directamente de él. Y, sin embargo, no es por capricho que pensamos políticamente a partir de Simondon. Efectivamente, la idea de modulación en la conferencia de 1962 de Simondon se presta a la lectura política de Deleuze en el texto sobre las sociedades de control: establecer rangos de acción de los individuos, incidencia del pasado sobre el futuro, estructuras pequeñas controlando grandes estructuras. Pero Deleuze pensaba por un lado en mecanismos de vigilancia y, por otro, en formas de subjetivación que, lejos de establecer normas rígidas como las disciplinarias, procedían a lo que el propio Foucault llamaba procesos de normalización interminables. Ahora bien, la llegada del sistema datos-algoritmos-plataformas va más allá de lo que podía imaginar Deleuze con su oposición entre individuales y masas de datos, porque esos datos ya son operativos de manera constante, esto es, no son representaciones fijas de los individuos sino procedimientos móviles, regulados por algoritmos, estructurados en plataformas, que predicen comportamientos (algo que Deleuze identifica como las políticas del riesgo en su texto, o sea que también veía algo de este proceso). Bien, esa predicción, que es una característica de la modulación (incidencia del comportamiento pasado sobre el futuro para establecer rangos posibles de acción), es lo que Rouvroy y Berns llaman gubernamentalidad algorítmica. Dicho esto, creo que Simondon no pudo ver cómo la información se desdoblaba, como ocurre hoy, en datos, algoritmos y plataformas.

Sí pienso que existe una relación posible entre datos, algoritmos y plataformas con elementos, individuos y conjuntos técnicos en Simondon.

**7 - Simondon é um autor europeu, que traz, em sua obra, uma série de pretensões universalistas. Atualmente, em decorrência das críticas que remontam aos escritos pós-estruturalistas e passam pelas teorias de gênero e de raça, sabemos que ideias como “universal” e “Homem” são etnocêntricas, e trazem consigo implicações político-sociais negativas. Nesse sentido, por que você acha que ainda devemos ler Simondon no Sul do mundo? Você enxerga alguma contradição entre ser latino-americano e continuar se inspirando em sistemas teórico-filosóficos europeus?**

No hay ningún inconveniente en leer a Simondon porque es europeo. Es un razonamiento simplista. No diríamos lo mismo con Deleuze, quizás porque ya tiene un cúmulo de lecturas de izquierda o en todo caso progresistas. El problema son las preguntas, no las nacionalidades. Simondon tiene un sistema filosófico muy original e inspirador, más allá de que sea francés.

**8 - Enquanto latino-americanos da periferia do capitalismo, sabemos que o acesso ao objeto técnico, e ainda mais o acesso aos meios de invenção, estão intimamente relacionados com desigualdades sociais e de poder estruturais e globais. Ao longo do século XX e XXI, corporações do norte global, e especialmente dos EUA, patentearam invenções técnicas e se firmaram em espaços de poder na organização de uma “era eletrônica”, tornando-se pontos de passagem obrigatória e de certo modo infraestruturas para a vida atual. Como Simondon nos auxilia a compreender essa atualidade do poder e do capital e um verdadeiro progresso humano e técnico? Esse progresso simondoniano precisa passar por uma superação do capitalismo?**

No siendo un autor político, Simondon nos enseña a entender que la apropiación de los gestos y los objetos técnicos es

condición necesaria del combate a la alienación, y eso genera, para nosotros, latinoamericanos, el desafío de adaptar esa exigencia a nuestras realidades. Creo que lo más interesante de Simondon al respecto es su llamado a comprender el funcionamiento, no el uso, de los objetos y sistemas técnicos. Buena parte de la alienación contemporánea consiste en que podemos usar toda clase de objetos técnicos, cada vez más integrados en vastos sistemas, y cuánto más los usamos más desconocemos su funcionamiento. Se habla constantemente de la “cajanegrización” de la tecnología y Simondon fue, sin dudas, el pionero en llamar la atención sobre este punto. En cuanto a la relación entre progreso humano y superación del capitalismo, está claro que es así pero Simondon no lo tematizó.

**9 - O pensamento de Simondon se constrói em intensa sinergia com as Ciências Modernas e suas práticas. Desde então, muitas críticas têm sido interpostas às práticas e métodos científicos, tanto por vias progressistas (como os estudos sociais da ciência), como por vias obscurantistas (como os diversos negacionismos). A atual crise epidemiológica provocada pela pandemia de Covid-19 tem, em certa medida, acentuado esse cenário. Na sua opinião, como a Ciência está se saindo nessa pandemia? Você ainda encontra nela uma causa para pensar, como vimos em Simondon?**

La ciencia salió en general fortalecida con la pandemia porque consiguió en tiempo récord poner a punto vacunas para terminar con ella. Por otro lado, también se entiende que la ciencia moderna sigue desatando fuerzas que no controla completamente, aún cuando no sea el caso del Covid (salvo que se adhiera a la tesis conspirativa del laboratorio de Wuhan de donde se “escapó” el virus). No sé si hay una relación directa entre la práctica de las ciencias modernas, sus críticas por derecha y por izquierda y Simondon. Sí creo que Simondon es muy claro al señalar que la ciencia identifica, analiza y construye estructuras y no operaciones, y en ese sentido hay una conexión posible con los estudios sociales

de la ciencia y la tecnología, siempre que se asuma que hablamos de operaciones políticas y de traducción. Dicho de manera más simple, creo que sí hay una relación posible, por ejemplo, entre Simondon y la teoría del actor-red de Latour y Callon y otras teorías enmarcadas en ese campo. Pero, al mismo tiempo, pienso que Simondon es un autor “cientificista”: se vale de muchos ejemplos de la ciencia moderna, la considera importante y la toma más en serio que muchos de quienes la critican desde la posición cómoda intelectual de saberse fuera de ella.

**10 - Além de professor e pesquisador, você também atua como tradutor, tendo inclusive já traduzido dois livros de Simondon.<sup>14</sup> Como é para você, enquanto pesquisador, o processo de tradução? De que maneira suas traduções influenciam sua própria escrita e pensamento? Poderia oferecer alguns exemplos?**

No soy traductor profesional, sino que me encontré en situaciones donde pude traducir obras y textos con los que estaba trabajando en tanto investigador. Es lo que me pasó con el propio Simondon. Con él fui aprendiendo a traducirlo, a entender su proceso de escritura en francés (particularmente, el modo en que usa el punto y coma, algo que ha sido destacado, por ejemplo, por Muriel Combes), mientras aprendía a su vez su teoría. Es cierto que, a partir de ganar experiencia en la traducción, luego me dediqué a traducciones no directamente vinculadas con mis investigaciones, pero en la mayoría de los casos hubo una “retroalimentación” con ellas. Ahora, por ejemplo, estoy traduciendo a François Zourabichvili<sup>15</sup> para

---

<sup>14</sup> São eles: SIMONDON, Gilbert. 2007. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. (Trads.: Margarita Martínez; Pablo Rodríguez) Buenos Aires: Prometeo Libros. [1958]; e: SIMONDON, Gilbert. 2017. *Sobre la técnica*. (Trads.: Margarita Martínez; Pablo Rodríguez) Buenos Aires: Editorial Cactus. [2014]

<sup>15</sup> ZOURABICHVILI, François. 2021. *El arte como juego*. (Trad. Pablo M. Rodríguez) Buenos Aires: Editorial Cactus. [2018]

Cactus,<sup>16</sup> un autor muy peculiar con una gran lectura de la obra

---

<sup>16</sup> A Editorial Cactus tem atualmente em seu catálogo 7 obras traduzidas de Simondon - *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información* (Trad.: Pablo Ires, 2009 e 2015); *Curso sobre la percepción* (Trad.: Pablo Ires, 2012); *Imaginación e invención* (Trad.: Pablo Ires, 2015); *Comunicación e información: cursos y conferencias* (Trad.: Pablo Ires, 2016); *Sobre la técnica* (Trads.: Margarita Martínez; Pablo Rodríguez, 2017); *Sobre la filosofía* (Trads.: Pablo Ires; Nicolás Lema; 2018); *Sobre la psicología* (Trad.: Lina M. Gil, 2019) -, além do excelente Simondon: *una filosofía de lo transindividual* (Trad.: Pablo Ires, 2017), de Muriel Combes. Sobre a história da Cactus, Pablo Ires, um dos 4 editores (que se autodenominam “monjes”), e tradutor de dezenas de livros da editora, nos contou: “En el comienzo del proyecto, que coincide aproximadamente con la crisis argentina en torno al año 2001, éramos un grupo más numeroso, y más ‘politizado’ por así decir, debido sobre todo a nuestro vínculo con la Facultad de Ciencias Sociales [en la UBA] y a la militancia en grupúsculos. En este sentido, puede decirse que Cactus es uno de los tantos emergentes de aquella crisis. Paulatinamente, y a medida que nos concentramos cada vez en el trabajo editorial, nos fuimos volviendo menos numerosos y un poco más monjes, en el sentido de trazar una especie de zona más preservada, en alguna medida, de lo que llamamos ‘el ruido de la polis’. Entonces, aunque siempre nos mantuvimos ‘permeables’ al afuera, e intentamos influir en él, nos parece que siempre fue importante para nosotros delimitar esa zona y defenderla. La búsqueda de fondo, creo, es hallar lugares habitables y que ofrezcan condiciones y ocasiones para el pensamiento.” Sobre o critério das escolhas editoriais da Cactus, ele conta: “El criterio es altamente afectivo – publicamos los libros que nos enamoran –, y a la vez fuertemente pragmático – publicamos los libros que nos sirven, que se constituyen en valores de uso para nuestras diversas prácticas, y en general, para nuestra vida. En ese sentido es que hablamos de manera muy gruesa y abarcativa de ‘filosofía vitalista’. Por otro lado, algo que creo nos define es la noción de ‘transversalidad’, ya que todos los pensadores y pensadoras que publicamos están ‘en cruce’ de caminos entre dos o más cosas. En este sentido, diría que la transversalidad da cuenta del carácter moviente de las ideas. La obra de Simondon es ejemplar en ese aspecto, pero la mayor parte de lo que publicamos hace justicia a esa vivacidad y a ese carácter procesual del pensamiento.” E sobre a recepção das publicações pelo público, ele avalia: “Por fortuna, tuvimos desde el inicio un universo de lectores bastante considerable, no solo en Argentina, sino

de Deleuze, y me encuentro aprendiendo no sólo sobre Deleuze, sino sobre todo sobre cierta idea de filosofía muy interesante que maneja Zourabichvili. Hay un ida y vuelta entre investigación y traducción que se me presentó de forma muy natural y tiene que ver, como ocurrió con Maurizio Lazzarato hace casi 20 años,<sup>17</sup> con búsquedas teóricas que coincidieron con inquietudes editoriales o de un medio académico o intelectual. En ese sentido me siento muy afortunado, porque gracias a la traducción conocí en profundidad algunas perspectivas y gracias a la investigación pude identificar obras o textos para traducir y conocer a las editoriales o publicaciones adecuadas para darle curso, como ocurre con el reciente *Dividuum*, de Gerald Raunig,<sup>18</sup> un gran libro que acaba de publicar, una vez más, Cactus. Tengo una anécdota muy interesante al respecto. En un coloquio sobre Foucault, en 2014,<sup>19</sup>

---

en el resto de los países de habla hispana. Se constituyó además un público muy fiel, que confía mucho en nuestro criterio editorial, y nos aporta todo el tiempo cosas en el ida y vuelta. Además, contamos con cómplices y aliados en el mundo intelectual, que también contribuyen al armado del catálogo, siendo autorxs, pero también aportando ideas de libros, como Pablo Manolo Rodríguez, Diego Sztulwark, Marie Bardet, Juan Manuel Heredia, David Lapoujade, Vinciane Despret entre otrxs. El hecho de empezar publicando las clases de Gilles Deleuze fue una ventaja y nos abrió muchas puertas, pero luego, más allá de la insistencia en seguir en alguna medida el plan de lectura deleuziano, nos fuimos abriendo a otras líneas de trabajo, algunas de las cuales se convirtieron en fundamentales, como la filosofía de la técnica, la teoría estética, la etología.”

<sup>17</sup> Ele se refere às suas duas traduções de Lazzarato: LAZZARATO, Maurizio. 2006. *Por una política menor: acontecimiento y política en las sociedades de control*. (Trad.: Pablo Rodríguez) Madrid: Traficantes de Sueños. [2004]; e: LAZZARATO, Maurizio. 2006. *Políticas del acontecimiento*. (Trad.: Pablo E. Rodríguez) Buenos Aires: Tinta Limón.

<sup>18</sup> RAUNIG, Gerald. 2022. *Dividuum: capitalismo maquínico y revolución molecular*. Vol.1. (Trad.: Raúl S. Cedillo) Buenos Aires: Editorial Cactus. [2015]

<sup>19</sup> Ele se refere ao *Coloquio Internacional Michel Foucault y América Latina*, ocurrido entre 13 e 15 de agosto de 2014 na Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires, Argentina).

me encontré con el gran Peter Pál Pelbart, con quien habíamos compartido el coloquio Campinas sobre Simondon en 2012, que ustedes organizaron. Al salir hablábamos de lo dividual y yo dije “dividuo”. Y él me corrigió: Deleuze no dice nunca “*dividu*” (“dividuo”), sino “*dividuel*” (“dividual”); esto es, forma la noción no a partir del sustantivo “individuo”, sino del adjetivo “dividual”, con una serie de consecuencias ligadas justamente al hecho de que lo dividual no puede ser individualizado, hecho “dividuo”. Yo había arrastrado la confusión de la primera traducción argentina del texto sobre sociedades de control,<sup>20</sup> que decía “dividuo”. Y pusimos esto en práctica en la corrección de *Dividuum*, de Raunig. Es un buen ejemplo del ida y vuelta entre la conceptualización y la traducción.

---

<sup>20</sup> Ele se refere à tradução argentina do francês “Les individus sont devenus des ‘*dividuels*’”, como “Los individuos se han convertido en ‘*dividuos*’”, em: DELEUZE, Gilles. 1991. Postdata sobre las sociedades de control. (Trad.: Martín Caparrós) In: Christian Ferrer (Comp.). *El lenguaje libertario: antología del pensamiento anarquista contemporáneo*. La Plata: Terramar, pp. 115-21. [1990] Mais precisa foi a tradução de José Luis Pardo Torío (DELEUZE, Gilles. 1995. Post-Scriptum sobre las sociedades de control. In: *Conversaciones: 1972-1990*. Valencia: Pre-Textos, pp.277-81.): “Los individuos han devenido ‘*dividuales*’”.